



**“Editar Pessoa é e sempre será uma tarefa de Sísifo...”:  
entrevista com o professor Jerónimo Pizarro**

***“Editar Pessoa é e sempre será uma tarefa de Sísifo...”: interview  
with professor Jerónimo Pizarro***

Marcelo Alves da Silva<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio  
de Janeiro / Brasil

br.marceloalves@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8284-5418>

Pedro Martins Cruz de Aguiar Pereira<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio  
de Janeiro / Brasil

pmcap1996@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7093-814X>

A inspiradora carreira acadêmica do professor Jerónimo Pizarro, nos campos da docência, da tradução, da investigação e da edição das obras de Fernando Pessoa, é motivo para que o entrevistemos no atual número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*.

Jerónimo Pizarro é graduado em Letras pela Universidad de Los Andes, mestre em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de

---

<sup>1</sup> Especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas pelo PPGLEV-UFRJ. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo PPGL-UERJ. Doutorando em Literatura Portuguesa pelo PPGL-UERJ.

<sup>2</sup> Graduado em Letras - Português/Latim pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrando em Literatura Portuguesa pelo PPGL-UERJ.

Lisboa, doutor em Linguística Portuguesa pela Universidade de Lisboa e doutor em Literatura Hispânica pela Universidade de Harvard.

O investigador contribuiu com sete volumes para as edições críticas das obras de Fernando Pessoa, publicadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a saber: *Obras de Jean Seul de Méuret* (2006), *Escritos sobre génio e loucura* – dois tomos (2006), *Fernando Pessoa: entre génio e loucura* (2007), *A educação do stoico* (2007), *Sensacionismo e outros ismos* (2009), *Cadernos* – tomo I (2009) e *Livro do desasocego* – dois tomos (2010).

Em 2010, preparou, com Patricio Ferrari e Antonio Cardiello, a publicação *A biblioteca particular de Fernando Pessoa*, resultado do trabalho de digitalização dos itens bibliográficos pertencentes ao poeta português e hospedados atualmente na Casa Fernando Pessoa.<sup>3</sup> Entre 2010 e 2013, coordenou duas novas séries da editora Ática. A primeira, “Fernando Pessoa – Obras”, originou os seguintes itens: *Provérbios portugueses* (2010), *Argumentos para filmes* (2011), *Associações secretas e outros escritos* (2011), *Sebastianismo e Quinto Império* (2011), *Prosa de Álvaro de Campos* (2012), *Ibéria: introdução a um Imperialismo futuro* (2012). A segunda, “Fernando Pessoa – Ensaística”, apresentou monografias em torno da obra do escritor português: *Misoginia e anti-feminismo em Fernando Pessoa* (2011), de José Barreto; *Pessoa existe?* (2012), do autor aqui entrevistado; e *As paixões de Pessoa* (2013), de George Monteiro. Em 2013, Pizarro foi o comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e ganhou o Prêmio Eduardo Lourenço.

Atualmente, Jerónimo Pizarro é professor associado do Departamento de Humanidades e Literatura da Universidad de Los Andes (Uniandes), Bogotá-Colômbia; é editor-chefe da *Pessoa Plural* – *Revista de Estudos Pessoaanos* editada pelo Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, pelo Departamento de Estudos Literários Comparativos da Universidade de Warwick e pelo Departamento de Humanidades e Literatura da Universidad de Los Andes (cf. PESSOA..., 2012-2014); e coordena a “Coleção Pessoa”, da editora Tinta-da-China, responsável por publicar novos ensaios e edições críticas do ortônimo e dos heterônimos. Recentemente, é de sua autoria o volume

---

<sup>3</sup> Os itens digitalizados podem ser acessado no endereço eletrônico da Biblioteca da Casa Fernando Pessoa (cf. BIBLIOTECA..., c2018).

*Fernando Pessoa: a critical introduction* (Sussex Academic Press, 2020) e a edição crítica de *Mensagem* (Tinta-da-China, 2020).

Não bastasse essa trajetória profícua, que testemunha os seus conhecimentos de crítica textual e das literaturas de expressão portuguesa, no que concerne à edição e à divulgação da obra de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, Jerónimo Pizarro contribui constantemente, enquanto antologizador, prefaciador e tradutor, para a recepção de escritores luso-brasileiros da contemporaneidade em países de língua hispânica. Lembremo-nos também de que o professor entrevistado assiste a crítica literária pessoana com variados estudos publicados em periódicos internacionais.

O professor luso-colombiano já esteve algumas vezes no Brasil. Compôs a mesa-redonda “Arquivos e cartas” no XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), realizado entre 7 e 11 de agosto de 2017 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Virtualmente, coordenou o simpósio “Papéis redescobertos e revisitados – Documentos inéditos de Fernando Pessoa 85 anos depois” no I Congresso Internacional do PPGLEV-UFRJ, evento realizado de forma *on-line* entre 16 e 18 de novembro de 2020. Expressamos, por fim, a nossa alegria e os nossos agradecimentos quanto ao aceite do professor Jerónimo Pizarro à realização desta entrevista.

**Marcelo Alves da Silva** – *Prof. Jerónimo, o Sr. poderia nos dar um testemunho de como, no início de sua carreira universitária, deu-se o interesse pela obra de Fernando Pessoa? Quais foram as suas primeiras experiências e eventuais desafios até o contato mais imediato com colaboradores da “Equipa Pessoa” e, conseqüentemente, com os papéis pessoanos? Que orientações gerais gostaria de compartilhar conosco, considerando que muitos leitores dessa entrevista ou investigam atualmente os escritos de Fernando Pessoa ou se interessam pela obra do poeta português?*

**Jerónimo Pizarro** – Digamos que cada vez há mais estudos, mas que ainda são poucos aqueles bem informados e com propostas originais. Eu costumo começar a ler uma tese pela bibliografia, e logo fico com uma imagem de atualidade ou anacronismo, de curto ou longo “alcance” investigativo. De Pessoa já foram criados até sabonetes (pela Bertrand, que não é propriamente uma livraria de aeroporto!), e cada dia há mais livros de e sobre o autor, e um crescente *merchandising*. Ler Pessoa é

um ato complexo, porque há edições que criam publicidade enganosa (uma que promete o *Teatro completo*, por exemplo) e publicações que não circulam fora de Portugal ou de Brasil. Orientações? Se eu começar pelo fim, duas sugestões: criar uma boa biblioteca pessoana (não tem que ser a Pessoaateca<sup>4</sup> de Carlos Ciro, nem a *Pessoana* de José Blanco<sup>5</sup>), e procurar um equilíbrio entre a crítica literária e a crítica textual, porque cada leitor cria um Pessoa (e convém descobrir muitos), mas Pessoa também está nos seus papéis.

No meu caso, eu tinha no início um interesse muito borgeano por Pessoa, e queria escrever uma dissertação sobre Pessoa e Borges (*Fernando Pessoa, auctor in fabula*, 2003); depois comecei a percorrer o seu espólio e cheguei a um núcleo e textos sobre gênio e loucura, que foi a base da minha dissertação de doutoramento na FLUL (2006). Essa dissertação foi o meu cartão de entrada na “Equipa Pessoa”, na qual estive vários anos, antes de procurar continuar o mesmo tipo de trabalho crítico com maior autonomia. Quando a INCM rejeitou certas propostas e a Ática e outras editoras mostraram interesse, eu percebi que nem toda a prosa pessoana tinha cabimento na INCM, e que eu tinha que enveredar por outros caminhos. A INCM não teria publicado por volta de 2010-2012 nem os *Provérbios portugueses*, nem as *Cartas astrológicas* (cf. PESSOA, 2011), nem a *Prosa de Álvaro de Campos*. Eu aprendi imenso de Ivo Castro,<sup>6</sup> de Luiz Fagundes Duarte,<sup>7</sup> de João Dionísio,<sup>8</sup> de Luís Prista<sup>9</sup> e de Manuela Vasconcelos, uma das responsáveis pelo tratamento do espólio pessoano que está na BN: mas foi uma aprendizagem individual, porque eles, em 2006, já não trabalhavam em equipa nem se reuniam (passaram cinco anos antes de uma reunião parcial, para discutir

---

<sup>4</sup> Trata-se da coleção bibliográfica e documental relativa ao poeta português e pertencente ao tradutor, poeta e ensaísta colombiano Carlos Ciro. O acervo pessoal pode ser visualizado em sua página no *Instagram* (@pessoaateca\_total).

<sup>5</sup> Cf. BLANCO, 2008.

<sup>6</sup> Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>7</sup> Professor associado do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>8</sup> Professor associado do Departamento de Literaturas Românicas da Universidade de Lisboa.

<sup>9</sup> Atualmente professor na Escola Secundária José Gomes Ferreira. Já foi professor assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

a Série Menor). Eu li os livros, artigos e diversos trabalhos dos membros dessa Equipe (e ainda ajudei a criar um Mestrado em Crítica Textual na FLUL), e essas leituras, certos cursos de verão e algumas conferências foram decisivos na minha formação intelectual.

**Pedro Martins Cruz de Aguiar Pereira** – *A existência de mais de uma edição de obras tais como Fausto e Livro do desassossego, à despeito dos diferentes critérios do estabelecimento dos textos, parece comprovar uma convergência plural entre conteúdo e forma no que tange aos escritos de Fernando Pessoa. Há, entretanto, nos empreendimentos críticos, ainda um afastamento dessa natureza monadológica e uma busca por unidade de discurso nas obras de Pessoa. O senhor crê que persiste, nos ambientes críticos dedicados aos escritos pessoanos, a manutenção da ideia de unidade? Acredita que as investigações devem, necessariamente, reconhecer – inclusive a partir da materialidade do texto pessoano – a proeminência da “diversidade”, terminologia tradicional, por exemplo, em Jacinto do Prado Coelho (cf, COELHO, 1963)?*

**JP** – Prado Coelho formalizou a discussão eterna entre unidade e diversidade, tentando defender – quase para proteger Pessoa ou o seu gênio (o qual é desnecessário...) –, a unidade da obra plural pessoana. Essa discussão nunca mais vai terminar. O meu contributo foi um livro, coeditado com Patricio Ferrari, apresentando e discutindo os 136 autores fictícios da galáxia pessoana (*Eu sou uma antologia*<sup>10</sup>, 2013). Mas depois temos a questão do cânone textual. Existe um *Livro*? Existe um *Fausto*? Acho que não. Existe uma pluralidade textual – que o projeto *LdoD* de Manuel Portela<sup>11</sup> faz muito visível, e também o confronto da edição em papel e da edição digital do *Fausto*, de Carlos Pittella<sup>12</sup> –, e uma certa impossibilidade de definir o cânone textual pessoano: depende de atribuições, de considerações teóricas sobre variantes, de novos “hallazgos”, de interpretações, de análises técnicas... e ainda de grupos e capelinhas. Teresa Rita Lopes rompeu relações com Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, e começou pouco depois a publicar o “seu”

---

<sup>10</sup> Publicado aqui no Brasil com o título *136 pessoas de Pessoa* (Tinta-da-China Brasil, 2017).

<sup>11</sup> Professor catedrático do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>12</sup> Pesquisador assistente no Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa.

Pessoa no Brasil, como se tivesse começado do zero com quase oitenta anos (ela nasceu em 1937). Se Pessoa ainda pode ser reinventado por uma editora duas ou três vezes ao longo da sua vida, quantos Pessoa não são possíveis? Aliás, um editor pode perfeitamente avançar com mais do que uma proposta de publicação, como fez Pittella, e ninguém é obrigado, enquanto editor, a propor apenas uma organização do mesmo material textual, ou a manter sempre a mesma ortografia, ou a seguir indefinidamente os mesmos critérios. Eu ainda desejo visitar livros que editei há mais de 10 anos, porque posso aperfeiçoar o que fiz e pôr em circulação (numa versão revista, com mudanças, com novas notas e informações) livros que já estão esgotados. Não esqueçamos que Pessoa é infinito e cada um de nós finito: nunca teremos o tempo necessário para ler tudo o que escreveu e muito menos para ler o que já foi escrito sobre Pessoa. E também não para o editar. Editar Pessoa é e será sempre uma tarefa de Sísifo...

**MAS** – *Permanecem, no mercado editorial brasileiro, algumas edições das obras de Fernando Pessoa e de seus heterônimos baseadas nas vulgatas, isto é, nas primeiras edições da Ática. Somam-se a este fenômeno as inúmeras versões digitais – gratuitas ou a preço irrisório –, cujo estabelecimento do texto não segue critérios rigorosos da Crítica Textual. Lembrando-se das palavras do professor Ivo Castro, no clássico Editar Pessoa (cf. CASTRO, 1990), em que duvidava do desaparecimento da vulgata em face das futuras edições críticas, como o senhor entende o seu particular trabalho de editor diante do cenário que descrevemos? As atuais edições críticas seriam capazes de criar, digamos, uma nova fruição poética para os leitores desta geração, aspecto a rivalizar, ainda, com os textos das vulgatas?*

**JP** – Nas nossas universidades, incluída a minha, há muitos colegas que nem sabem bem o que é uma edição crítica e porque é importante e necessária. Castro identificou a *vulgata* com a Ática, mas há muitas *vulgatas*, não apenas essa, e também há muitas edições críticas. Isso faz parte da multiplicidade que já discutimos. Em geral, na investigação acadêmica falta uma maior pesquisa e crítica de fontes, e uma boa edição depende dessa pesquisa e dessa crítica. Quem procura uma edição mais fiável está à procura de um trabalho mais longo, mais sólido, mais complexo. E até de uma leitura mais marcante, mais inesquecível. Uma edição crítica não pretende rivalizar com outras, mas assinalar um antes e

um depois. Eu lamento que muitos pesquisadores repitam erros (a data da Empresa Íbis, a atribuição a Pessoa de um texto de Wilde, a leitura errada de um trecho do *Livro do desassossego* etc.), simplesmente porque não foram para além de uma edição pouco cuidada ou de uma versão digital acriticamente aceite. Tendo tão pouco tempo para ler os livros todos que gostaríamos de ler, podíamos, parece-me, não dissociar o rigor da fruição. Uma má tradução de Dante pode estragar ou limitar para sempre a nossa leitura da *Commedia*; uma má edição de Pessoa pode condicionar e induzir em erro a nossa interpretação de determinadas obras pessoanas. A interpretação não começa depois da tradução, depois da edição, mas começa com a tradução, com a edição. E muito mais no caso de autores póstumos, construídos amplamente na posteridade.

**PAP** – *Há, no campo da Crítica Textual, alguns métodos pertinentes para o estabelecimento de textos e de edições críticas, tais como o método lachmanniano, a metodologia de Joseph Bédier (1864-1938), a de Giorgio Pasquali (1885-1952), a de Michele Barbi (1867-1941), bem como a “bibliography”, o neolachmannismo e a crítica de variantes (genética). Qual o método que o senhor costuma utilizar nas edições críticas das obras de Fernando Pessoa? Considera que o crítico literário investigador da obra pessoana deve ter conhecimentos mínimos da Crítica Textual para precisar melhor suas análises?*

**JP** – Eu não defenderia apenas um método, mas o conhecimento e a conjugação de vários, até porque não todos foram pensados para manuscritos modernos, para casos de originais presentes. Neste sentido, existem esses métodos e outros e, a meu ver, quem trabalha num arquivo e com manuscritos de autor precisa de ter uma formação filológica mínima. Não esqueçamos que um dos objetivos máximos da Crítica Textual é a preparação de uma edição crítica. E preparar este tipo de edição requer conhecimentos prévios em vários campos e de diversas disciplinas de índole histórica (a “bibliography”, ou a paleografia, por exemplo). Editar Lope de Vega, editar Pessoa, editar Vallejo, entre outros casos célebres, não é possível sem bons conhecimentos de língua e cultura, sem o diálogo com uma vasta tradição crítica. Quem comenta Dante sabe que existem sete séculos de comentários prévios... Que o passado ilumina o presente. Nós vivemos tempos de um grande apagamento da História, de uma ampla disputa política pelo controle e conformação do passado, e estes processos já estão condicionando o futuro do que podemos ser em pleno

direito. Eu espero que para além da hipocrisia de tantas tentativas de apagamento, para além do presentismo das redes, possamos valorar bem o que nos precedeu. Se eu adoro trabalhar imerso em papéis, dentro de arquivos é, em parte, porque adoro regressar às fontes e adoro trabalhar livre da angústia e da especulação própria dessas disputas, muitas vezes ideológicas, poucas vezes informadas.

**MAS** – *Uma das naturezas poéticas da obra pessoana – se o senhor concordar conosco – parece ser o deslindamento, por meio do heteronimismo, da moderna questão kantiana acerca dos limites do conhecimento. Tratar-se-ia de uma entrada epistemológica para a poesia de Pessoa paralela àquela que, dentre outras, dominou determinados itens da bibliografia passiva sobre a obra do poeta português: a de teor psicanalítico. Com as edições críticas que vieram à lume nesses últimos anos, verificamos que a organização dos poemas, a escolha de variantes e os esboços de projetos, outrora inéditos, desestabilizam leituras clássicas. Como vê o relacionamento e/ou a compatibilidade entre as recentes edições críticas e as leituras dos itens canônicos presentes na bibliografia passiva?*

**JP** – Em geral, vejo um diálogo e um processo constante de reanonização. Nenhuma edição deve ser feita contra outra (embora existam casos...), mas em prol de um campo bibliográfico em crescimento e do qual somos uma parte ínfima. As edições críticas querem apenas dar mais profundidade a cada texto (lembrar, por exemplo, a existência de inúmeros testemunhos textuais) e fornecer mais elementos de estudo e de apreciação. Num mundo ideal, qualquer crítico consultaria essas edições, e outras. O único que é de lamentar, mas é uma questão cultural (começa com a escola), é que tanta crítica seja feita sem a consulta dos materiais expectáveis e “sin ir al fondo del asunto”. Para mim, por exemplo, faz pouco sentido que certa crítica – a de teor psicanalítico, por exemplo – se faça com desconhecimento do que Pessoa escreveu sobre a sua psique, sobre Freud e sobre a relação da literatura com a medicina, em geral, ou que se fale de traumas de forma mecanicista e sem referir, por exemplo, a trabalhos de Judith Butler, Cathy Caruth<sup>13</sup>, Shoshana Felman,

---

<sup>13</sup> Professora do Departamento de Inglês e de Literatura Comparada da Universidade Cornell, Nova Iorque, Estados Unidos.

entre outros. A melhor crítica tem boas bases (um texto fidedignamente estabelecido) e é a continuação de um diálogo.

**PAP** – *A professora Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, em seu livro Poetas do Atlântico, anota que ainda são poucos os trabalhos acadêmicos em terras anglófonas que fazem jus à obra de Fernando Pessoa (SANTOS, 2007). Recentemente, porém, o senhor lançou Fernando Pessoa: A Critical Introduction (2020), o que nos parece colaborar cada vez mais com a recepção crítica de Fernando Pessoa nos países de língua inglesa. O senhor acredita, pois, que o fenômeno descrito pela professora Irene Ramalho mudou substancialmente nesses últimos anos? Localiza algumas linhas de força na crítica pessoanista de índole anglófona?*

**JP** – Eu gostaria de fazer esta mesma pergunta à Maria Irene Ramalho (risos). Penso que ainda são poucos esses trabalhos acadêmicos, mas que algumas novidades são promissórias: penso em muitas teses recentes, em muitos artigos dos últimos anos, em livros publicados pela Palgrave, pela Oxford, pela Legenda, pela Tagus Press, pela Gávea-Brown e por outras chancelas e editoras. E ainda na revista que coedito e que em 2022 fará dez anos: *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies* (cf. PESSOA..., 2012-2014; BROWN..., [c2020]). O livro de Jonardon Ganeri, *Virtual Subjects, Fugitive Selves: Fernando Pessoa & His Philosophy*, publicado em 2020 pela Oxford University Press deve ser dos poucos trabalhos não referidos num artigo recente de António Ladeira, que pode ser de consulta útil a este respeito: “Fernando Pessoa nos Estados Unidos: redesenhando fronteiras” (cf. LADEIRA, 2019).

**MAS** – *Há pouco tempo, em uma entrevista concedida durante o I Encuentro de Escritores Lusófonos en Venezuela, evento organizado pela CEPE Venezuela<sup>14</sup>, o senhor desmistifica a imagem melancólica e tristonha de Fernando Pessoa, comentando o teor dos testemunhos dados no documentário da RTP<sup>15</sup> e a existência dos textos humorísticos escritos pelo poeta português. Poderia falar um pouco mais sobre esses textos? Do que eles tratam? Como entende esses textos dentro da obra pessoana? Existem projetos para uma possível edição crítica?*

<sup>14</sup> Coordenação do Ensino de Português no Estrangeiro do Instituto Camões. A entrevista completa pode ser acessada em Encuentro... (2020).

<sup>15</sup> Veja-se o documentário “A casa de Fernando Pessoa”, programa apresentado em 25 de janeiro de 1981 no canal RTP (Rádio e Televisão de Portugal) (cf. A CASA..., 1981).

**JP** – É verdade. Esse documentário encontra-se transcrito no contributo de Clara Cuéllar dos Santos, “A Pessoa por detrás da obra: três documentários do Arquivo RTP” (cf. SANTOS, 2020). Eu entendo que Pessoa não era propriamente um indivíduo triste, embora pudesse ter fases mais obscuras, e, de fato, imagino-o como alguém de mente aberta e lúdica, cultor da ironia, amante da sátira, brincalhão com as crianças (e não só), e divertido em muitas circunstâncias. Nós já conhecemos alguns textos humorísticos de Pessoa. E seria interessante reunir vários. Ricardo Araújo Pereira, em *A doença, o sofrimento e a morte entram num bar – uma espécie de manual de escrita humorística*<sup>16</sup>(2016), escreve: “Aquilo a que se costuma chamar, muito prosaicamente, uma piada, é, quase sempre, uma trapaça deste tipo (da magnífica capacidade de deduzir um corolário irrepreensivelmente lógico a partir de premissas fulgurantemente absurdas). Na arca que Fernando Pessoa deixou, os investigadores encontraram o seguinte texto, escrito pelo punho do poeta” (PEREIRA, 2017, p. 35-36). Araújo Pereira (2017) cita o texto seguinte (cf. ANEXO):

Temos ouvido muitas historias tristes a respeito de creanças, mas nenhuma [tão] dolorosa [como a] que aconteceu ao grande filantropo inglez Neverwas, amigo dedicado dos pequeninos.

Passeava elle uma vez á noitinha n’uma estrada quando viu, ao pé d’uma arvore uma creança agachada, parecendo escondida ou querer esconder-se. Avançou para ella.

— Quem és tu? Perguntou. Como te chamas, pequenino?

— José, respondeu a creança que parecia atrapalhada.

— Tens pae, Josésinho?

— Não senhor.

— E mãe?

— Também não.

— Então com quem vives?

— Com uma tia minha.

O philantropo adivinhou a história; uma tia má.

— E a tua tia trata-te bem.

— Às vezes.

— Bate-te?

— Às vezes.

— Ah, fugiste-lhe?

<sup>16</sup> O texto a que se refere Araújo Pereira já havia sido publicado por Teresa Rita Lopes em *Pessoa inédito* (1993).

- Não senhor.
- Então o que fazes, aqui?
- Estou cagando.

**PAP** – *Tivemos a oportunidade de explorar duas plataformas digitais relacionadas aos escritos de Fernando Pessoa: Fausto: uma existência digital (cf. FAUSTO..., c2011) e Arquivo LdoD (cf. ARQUIVO..., [2010?]). Ambas as plataformas cumprem o propósito de auxiliar, por meio da disponibilização de manuscritos, datiloscritos, transcrições e demais aparatos críticos, os projetos de investigação dos pesquisadores pessoanistas. Na atualidade, porém, as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação sugerem novas formas de contato e de fruição dos objetos artísticos. No caso da obra de Fernando Pessoa, como o senhor vê o lugar desses projetos digitais? Existiria alguma dialética entre o Pessoa “impresso” e o Pessoa “digital”? Os escritos de Fernando Pessoa seriam melhor recepcionados, atualmente, tanto por leitores especializados quanto por leitores comuns, a partir de plataformas digitais?*

**JP** – Penso que este tema está muito bem tratado num artigo recente de Taiguara Aldabalde e Carlos Pittella: “A trajetividade do Pessoa digital: contributos para uma história do espólio pessoano”, no livro *Património cultural e transformação digital* (cf. ILHARCO, 2018). Parte da multiplicidade da obra pessoana passará, nos próximos anos, pelas suas encarnações digitais. São inevitáveis e necessárias. Implicarão um maior diálogo entre o impresso e o digital, sendo que os desafios vão mudando e multiplicando-se. Hoje recebi por correio físico os poemas, prosas breves, ensaios e contos de Jorge Luis Borges editados por Daniel Balderston e María Celeste Martín. Adoro ter essas transcrições em três volumes de grande formato, mas também sei que esse tipo de transcrição mais topográfica (cf. aos arquivos de Dickinson ou Beckett) parece quase destinado ao mundo digital. A forma de ler Pessoa vai mudar com as mudanças que proponham atuais e futuras plataformas. Ainda estamos em fases muito incipientes da edição pessoana e não consigo imaginar umas obras completas (ou melhor, um arquivo completo que não seja apenas um repositório) antes de um século ou mais. Os leitores de Pessoa ainda são ingênuos sobre a dimensão do espólio e do legado pessoanos. Os editores que prometeram obras completas de Fernando Pessoa nunca cumpriram – e, em princípio, era impossível que cumprissem, porque tinham prometido um impossível (e tinham uma noção de obra muito restrita).

## Referências

A CASA de Fernando Pessoa. Lisboa: RTP, 1981. 1 vídeo (27 min 8 s), son., color. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-casa-de-fernando-pessoa/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ARQUIVO LdoD. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, [c2010?]. Disponível em: <https://ldod.uc.pt/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BIBLIOTECA da Casa Fernando Pessoa. Lisboa: Casa Fernando Pessoa: Fundação Vodafone Portugal, c2018. Disponível em: <http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BLANCO, José. *Pessoana*: bibliografia passiva, selectiva e temática referida a 31 de dezembro de 2004. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, 2 v.

BROWN Digital Repository. Providence: Brown University Library, [c2020]. Disponível em: <https://repository.library.brown.edu/studio/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1963.

ENCUENTRO con Jerónimo Pizarro – 1er. Encuentro Virtual de Escritores Lusófonos. [S.l.]: CEPE Venezuela, 2020. 1 vídeo (52 min 44 s), son., color. *Facebook*: @cepe.vzla. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=390057252227301>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FAUSTO: uma existência digital. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, c2011. Disponível em: <http://faustodigital.com/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ILHARCO, Fernando et al (org.). *Património cultural e transformação digital*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2018.

LADEIRA, António. Fernando Pessoa nos Estados Unidos: redesenhando fronteiras. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Providence, issue 16, 2019. p. 241-280. DOI: <https://doi.org/10.26300/en1y-7j92>.

PEREIRA, Ricardo Araújo. *A doença, o sofrimento e a morte entram num bar* – uma espécie de manual de escrita humorística. Rio da Janeiro: Tinta-da-China, 2017.

PESSOA Plural – Revista de Estudos Pessoaanos. Providence: Brown University, 2012-2014. Disponível em: [https://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/pessoaplural/](https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/). Acesso em: 10 dez. 2020.

PESSOA, Fernando. *Cartas astrológicas*. Edição de Jerónimo Pizarro e Paulo Cardoso. Lisboa: Bertrand Editora, 2011.

SANTOS, Clara Cuéllar dos. A Pessoa por detrás da obra: três documentários do Arquivo RTP. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*. Providence, issue 18, p. 506-572, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26300/z0x4-4r67>.

SANTOS, Irene Ramalho. *Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

Data de recebimento: 28 de janeiro de 2021.

Data de aprovação: 3 de dezembro de 2021.

## ANEXO – Anedotas

124-22

Anedotas

Temos anedotas unidas histórias tristes a respeito de crianças, mas nenhuma tem aquela delirium ~~que se trata~~ <sup>que se trata</sup> que acontece ao grande filantropo infeliz Severino, amigo dedicado do pequeno.

Passam ele uma vez ~~em~~ a visitar a casa ~~de~~ quando um, ao pé d'um livro de crianças agachado, parecia ~~o~~ <sup>o</sup> ~~criança~~ a quem responder. Avança para ela.

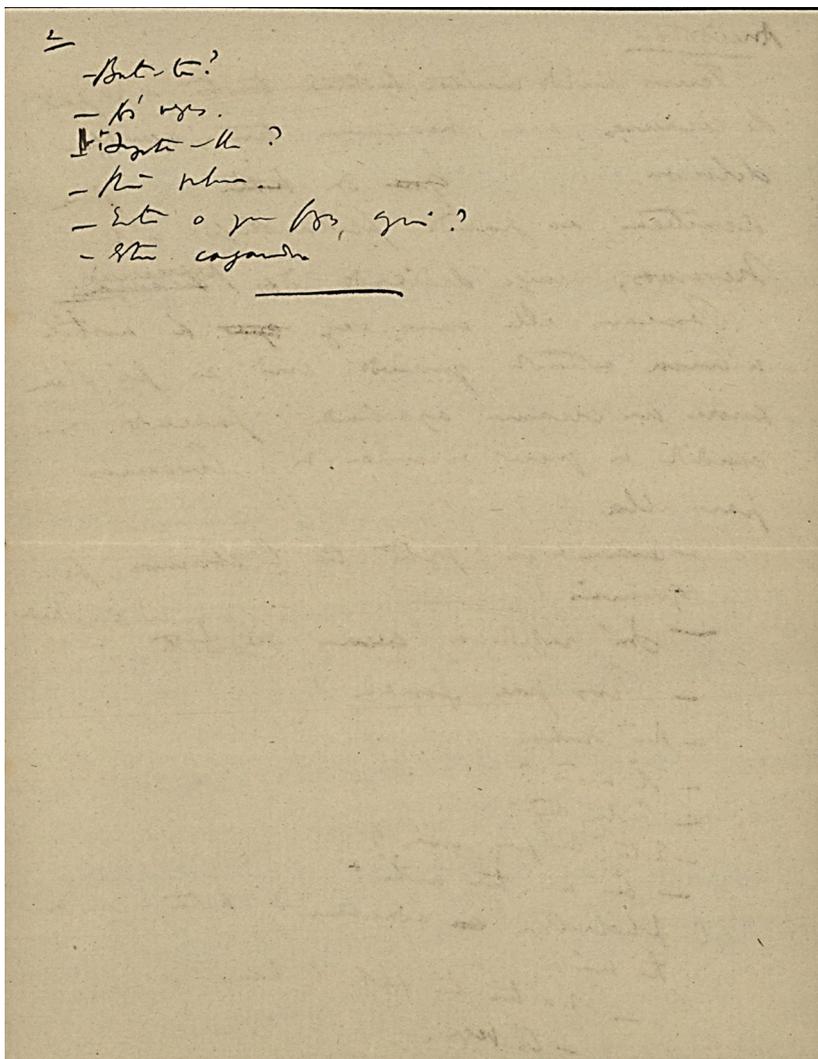
- Quem és tu? filha a tua mãe, pequena?
- Sim, mãe a mãe, pequena.
- Tens mãe, filha?
- Não tenho
- E mãe?
- Não tem.
- Está a tua mãe?
- Não tem mãe.

O filantropo ~~se~~ <sup>se</sup> admirava a filha; em a ~~ter~~ <sup>ter</sup> ~~mãe~~ <sup>mãe</sup>.

- Não tem mãe?
- Não tem.

- O' rapaz.





Fonte: BNP/E3, 124-22v.